

Bases corporais

**Doutorado defendido na Universidade Federal de Goiás
aborda usos metafóricos de verbos de percepção**

POR MARCELO MÓDOLO E HENRIQUE BRAGA

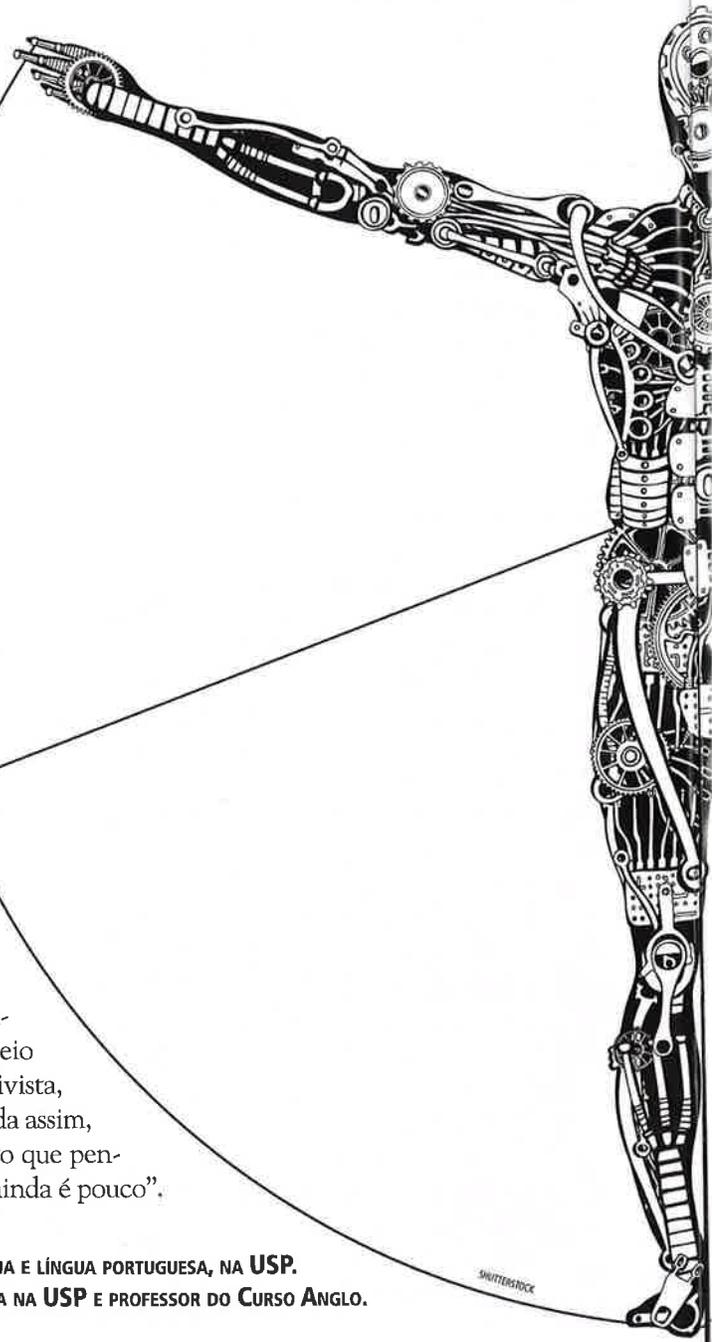
Numa passagem d'*Os Lusíadas* (1572), Camões destaca a poderosa capacidade de a memória fazer perdurar a existência, uma vez que ela “do sepulcro os homens desenterra”. Sem negar o sábio luso, não deixa de ser igualmente difícil discordar do sociólogo David Le Breton, quando diz que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. Não se trata do onipresente culto à “beleza”, mas da constatação de que é a nossa dimensão corpórea que nos situa no tempo e espaço. Assim, mesmo a memória, os sonhos ou as abstrações dependem do corpo para nele existir.

Adotando esse ponto de partida, o pesquisador Leosmar Aparecido da Silva desenvolveu, na Universidade Federal de Goiás (UFG), o doutoramento *As Bases Corporais da Gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro* (disponível em <http://gef-ufg.webnode.com/products/teses/>).

No trabalho, o estudioso destaca verbos cujo sentido primeiro faz referência à percepção sensorial, com intuito de revelar como experiências visuais, auditivas, olfativas e gustativas estão na base de conceptualizações mentais de outras ordens.

O corpo, moldado pelo contexto social e cultural dos indivíduos, materializa a relação do ser com o mundo. É com o corpo que se realizam experiências – percepção do ambiente, expressão de sentimentos, ritos de interação, construção da aparência, jogos de sedução –, e é por meio dessa gama de atividades que, segundo o postulado cognitivista, engendramos nossas línguas. Não deixa de ser curioso, ainda assim, que eventualmente nos falem palavras para expressar algo que pensamos ou sentimos. Como diria um poeta atual, “o corpo ainda é pouco”.

MARCELO MÓDOLO É PROFESSOR DOUTOR E PESQUISADOR DE FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA, NA USP.
HENRIQUE BRAGA É DOUTORANDO EM FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA NA USP E PROFESSOR DO CURSO ANGLO.
ACADEMIA.REVISTALINGUA@GMAIL.COM



da gramática

“Por que ela é tão fechada?”

Conceptualização e criatividade linguística explicam uso de metáforas relacionadas a “abrir” e “fechar”

Segundo um importante postulado da linguística cognitiva, a mente é corporificada. Nessa perspectiva, a noção de corpo está atrelada à sua materialidade (fisiologia, composição anatômica, dimensão estrutural), e a análise linguística destaca a relação entre esse corpo e o meio ambiente em que está inserido. Essa relação é central nas análises cognitivistas, que consideram o constante processo de construção das línguas como resultado do sistema conceitual humano – diretamente relacionado ao modo de o falante perceber e conceber o mundo, o que é construído nas nossas experiências cotidianas.

Um dos exemplos na tese de Leosmar Aparecido da Silva são os conceitos “abrir” e “fechar”. Na vida cotidiana, o indivíduo experimenta o abrir e fechar partes do próprio corpo (olhos, boca, mão) ou objetos materiais (portas, janelas, portões). Dessa percepção do mundo físico é construída uma conceptualização no mundo mental: apreendidos e esquematizados os conceitos “abrir” e “fechar”, eles ficam disponíveis para, por extensão metafórica, migrar para campos semânticos mais abstratos.

Um desses campos semânticos é a “metáfora do canal”, criada pelo linguista Reddy e desenvolvida por Lakoff & Johnson. Por ela, seres humanos são recipientes que guardam ou exteriorizam palavras. Quando dizemos que uma pessoa introspectiva, ensimesmada, é “fechada”, usamos essa metáfora. É o que se vê neste exemplo, trecho de um diálogo citado na tese de Silva:

- Mas você já tentou conversar com ela... com a segunda filha... pra saber o porquê de ela ser tão fechada?
- Já tentei... só porque ela não fala... ela parece um bichim do mato...

Partindo da conceptualização abrir/ fechar, o “fechar-se” seria como impedir que as palavras saíssem de um recipiente, no caso, o próprio indivíduo.

“Vô vê se dô conta de cantá ela”

Os verbos de percepção sensorial na fala goiana

Os dados do trabalho de Leosmar Aparecido da Silva foram coletados do *corpus* do projeto *Fala Goiana* (<http://gef-ufg.webnode.com/products/fala-goiana1/>), coordenado pela professora Vânia Cristina Casseb-Galvão e que tem o próprio Silva como subcoordenador. A meta desse macroprojeto é investigar fenômenos de constituição do português do Brasil em variedades linguísticas da fala goiana. Como foco de sua tese, Silva optou por analisar verbos relacionados à percepção sensorial, pois, em seus sentidos literais, fazem referência a funções do corpo.

O verbo “ver” se mostrou produtivo para a extensão metafórica: associado à percepção visual, tal verbo pode assumir sentidos mais abstratos. Neste exemplo, diante do pedido para que cantasse uma moda de viola, o entrevistado responde: “Vô vê se dô conta de cantá ela”. Essa acepção de “ver” não equivale a “perceber pela vista”, mas a “verificar”, “analisar”, ou seja: o verbo de percepção visual serviu como base para expressar um sentido mais relacionado à percepção mental.

Entre os verbos de percepção auditiva, Silva aborda usos menos literais de “ouvir”. O entrevistado comenta a dificuldade de movimentos sociais terem suas reivindicações atendidas: “são movimentos assim que requer muita gente... Pra fazer uma coisa assim em conjunto, pra poder ser ouvido, pras pessoas cogitarem a possibilidade de fazer alguma coisa a respeito, né?”. Embora não deixe de fazer referência ao ato de ouvir em si, nessa acepção está implicada uma série de eventos menos concretos que o processo físico de escutar: *ouvir* > *analisar as razões da reivindicação* > *convencer-se dessas razões* > *atender positivamente a reivindicação*.

